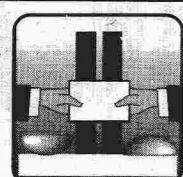


Economistas: Brasil ganha com Itamar

LÉA CRISTINA

A economia brasileira estará melhor com um governo Itamar Franco do que com a manutenção do governo Collor. É o que se conclui dos cenários traçados por seis economistas de diferentes correntes ouvidos pelo GLOBO. Eles não esperam que Itamar venha a salvar o país da crise aguda em que vive há mais de uma



década — para isso, concordam, são necessárias profundas reformas que devolvam ao Brasil a capacidade de financiamento. O que dizem é que Itamar tem mais possibilidades de ser bem sucedido do que Collor.

O diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), Julian Chacel, é quem menos vê diferença entre um e outro. Mas, ao analisar a questão da reforma fiscal, afirma que Itamar terá menos problemas do que Collor para conseguirm aprovar um ajuste.

A maioria acha que a continuidade de Collor representará aumento de inflação. Um governo Itamar, dizem, deve significar desaceleração de preços — mas desde que não haja “algun namoro do Itamar com gente que gosta de choque”, acentua o professor da PUC/RJ, Gustavo Franco.

Com Itamar, a política monetária restritiva será mantida, só que aliada a medidas que venham a minorar os custos sociais da recessão, acreditam os entrevistados. Nesse quadro,

também é apontada como alternativa a adoção de uma política de rendas (regras para preços e salários): só que uma política negociada.

Segundo eles, os empresários não têm por que temer um retrocesso no processo de modernização da economia, no caso de Itamar Franco assumir a Presidência. A abertura econômica e a privatização são processos irreversíveis. Pode haver mudanças tópicas, que entretanto não comprometeriam a direção geral.

João Paulo dos Reis Velloso



Ministro do Planejamento dos Governos Geisel e Médici. De linha liberal, é o atual presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmc) e coordenador do Fórum Nacional.

Inflação

Recessão

Privatização

Abertura econômica

Reforma fiscal

Dívida externa

Dívida interna

Dolarização

Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor
É imprevisível o comportamento da inflação no caso da permanência do Collor: isto porque esta hipótese não está nos cálculos da sociedade.	Tudo depende muito do ministro da Economia. Não vejo risco de explosão no caso de ele manter o Marçilio ou optar por um outro, que provavelmente terá ampla credibilidade.	Em linhas gerais, a política de estabilização será mantida. Vai rever os custos sociais da recessão, o que, aliás, já começou a ser feito pelo ministro Marçilio.	Já há uma nítida indicação de que o atual Governo vai começar a exigir uma certa participação em dinheiro (10%) na venda das estatais. Na medida do possível, é um certo avanço.	Outro caso de manutenção de linhas gerais, com alguma revisão. A Secretaria Nacional de Economia já está falando em rever algumas situações. Não vai recuar na direção geral.	Será muito mais difícil de implementar. A oposição vai, simplesmente, se recusar a votar qualquer reforma fiscal.	Acaba de negociar. Não tem por que mudar,	O presidente não repete o erro cometido no início do seu governo.	Não tem futuro no Brasil. Até porque não está dando certo na Argentina.

Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar
Deve assumir com a inflação acima de 30% e vai precisar usar uma política gradualista para tentar controlá-la. Se houver namoro com gente que gosta de choque, a inflação dispara.	Vejo três hipóteses. A mais provável é a manutenção de uma política de austeridade e reforma fiscal. Mas há chance de um governo de união nacional, e ainda de choque.	Deve forçar o uso de algum dinheiro na compra das estatais, sem eliminar as moedas pobres.	Enquanto o programa recessivo permanecer, as dificuldades na abertura econômica não serão superadas. O processo está interrompido pela recessão.	Não passa nada. Não se resolve coisa alguma com ele na presidência. Ainda mais esta reforma, que envolve mudanças na Constituição.	Toca para frente a reforma que está no Congresso, que não resolve o problema da inflação, porque apenas substitui impostos: não reduz gasto, nem aumenta imposto.	Não muda. Está tudo encaminhado. Agora, sem o Marçilio e com Fisiológico, corre-se o risco de os bancos credores congelarem as negociações e o FMI acabar não renegociando metas.	Fica como está. Qualquer outro tratamento, como alongamento compulsório, é confuso.	Não acontece, de jeito algum. Para se aplicar dolarização no Brasil seria preciso congelamento de preços e de ativos, medida que esse governo não tem credibilidade para tomar novamente.

Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor
Em setembro, aparentemente a inflação se acelera. Mas qualquer que seja o desfecho da crise política, a inflação vai desacelerar.	Com Itamar							

Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar
Com qualquer desfecho da crise, a inflação desacelera.	Tanto um quanto outro teria que olhar o aspecto da fadiga nacional em relação à recessão.	Não muda: a revisão do papel do Estado e uma visão mais integrada na economia internacional trata-se de uma tendência universal.	Não muda.	Não muda.	A reforma fiscal que está no Congresso não passa nem com Collor nem com Itamar. Tem que haver uma solução de emergência.	A questão está praticamente resolvida.	Um ou outro deve procurar trocar os títulos de curto prazo por de longo prazo.	Neste momento, tudo é possível.

Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor	Com Collor
Estaremos na constante ameaça de um choque. A sociedade vai sempre achar isso, o que puxaria a inflação.	Com Itamar							

Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar	Com Itamar
Não dá para dizer que vai continuar subindo, mas também não dá pra prever queda. Mas com ele, abre-se uma perspectiva de pacto entre os diferentes agentes.	No primeiro momento, não vai poder reverter a recessão: se o fizer correr o risco de produzir um governo como o do Sarney. O fundamental é que vai tentar obter apoio da sociedade.	Muda só na forma. O processo deve ser mais cuidadoso, com rediscussão sobre o uso das moedas podres e a decisão sobre empresas a serem privatizadas passando pelo Congresso.	Até o programa de privatização fica complicado com a permanência do Collor. Pela perda de confiança, talvez não tenha como mudar a questão das moedas podres, por exemplo.	Processo irreversível, que não depende mais de que governo está no poder. Continuará fazendo a abertura da economia.	Há estudos que mostram que esta reforma fiscal que está no Congresso altera 22% dos artigos da Constituição. Collor não teria a menor condição de obter algo assim.	Não teria porque mudar.	Não acho que exista espaço para mexer nesta questão.	Pode usar como única forma de tentar se salvar. Mas seria um desastre.

Com Collor

Com Itamar

Com Itamar